

A América Latina no Suplemento Literário do *Minas Gerais* (1969-1973)

Haydée Ribeiro Coelho

Recebido 29, jan. 2007/ Aprovado 29, mar. 2007

Resumo

A interlocução entre o Brasil e os países hispano-americanos ocorreu de várias maneiras nos anos 60 e 70. O Suplemento Literário do Minas Gerais (cuja primeira edição data de 1966), buscava romper o isolamento do Brasil em relação aos demais países da América Latina, publicando literatura e crítica hispano-americanas. Diante do volumoso material, selecionei, para esse estudo, entrevistas, textos panorâmicos sobre a literatura hispano-americana, destacando também as resenhas que permitissem refletir sobre a indicação de obras aos leitores do Suplemento, propiciando ao estudioso de hoje reconstituir aspectos do diálogo do Brasil com a América Latina e da recepção crítica tanto a partir de um olhar do Brasil ou vice-versa.

Palavras-chave: *Suplemento Literário do Minas Gerais; interlocução latino-americana; anos 60-70*

A interlocução entre o Brasil e os países hispano-americanos ocorreu de várias maneiras nos anos 60 e 70. O Suplemento Literário do *Minas Gerais* (cuja primeira edição data de 1966), buscava romper o isolamento do Brasil em relação aos demais países da América Latina, publicando literatura e crítica hispano-americanas. Recentemente, o periódico mineiro foi revisitado pela comemoração de seus quarenta anos e diversos de seus momentos históricos foram lembrados na edição de dezembro de 2006.

Os marcos teóricos, enunciados no título, decorrem de inúmeras razões, como será visto mais adiante. Uma delas é o fato de possibilitar a continuidade de um trabalho de pesquisa que realize, seguindo, sob certos aspectos, uma periodicidade que não se fecha, mas que vai sendo balizada pelos acontecimentos históricos ocorridos no Brasil como a ditadura militar e o exílio de muitos intelectuais latino-americanos que estabelecem outros diálogos, além do crítico e literário.

Embora publicado dois anos depois do golpe militar de 1964 e vinculado à Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, o Suplemento Literário do *Minas Gerais* como outros das décadas de 60 e 70, representou um “local para o debate e a discussão de idéias e de resistência à ditadura então vigente como nenhum outro *locus* jornalístico poderia ser.” (HOHLFELDT, 1966, p. 61). Em consonância com o que ocorria em termos literários e críticos em Minas, no Brasil e em outras plagas, o periódico mineiro acolhe textos do chamado “boom literário”, conceito relacionado à renovação da narrativa hispano-americana, “a partir de meados do século XX” (TROUCHE, 2005, p. 85).

Enfocando a América Latina no periódico mineiro, entre 1969 e 1973, é importante situar como a publicação vai dialogando com a literatura hispano-americana desde 1966, ano em que aparecem traduzidos, no Suplemento, fragmentos de textos do escritor argentino Aníbal Ponce, retirados do livro *Ambición y angustia de los adolescentes*.

A partir de 1967, inicia-se a publicação de ensaios de escritores brasileiros sobre autores da América Hispânica como aquele de Henriqueta Lisboa intitulado “Alfonso Reyes, ensaísta e poeta”. A escritora mineira ressaltava as atividades culturais do autor mexicano, incluindo aquela de embaixador de seu país no Brasil em 1930.

Afonso Ávila, ainda em 1967, traduziu dois poemas de Vicente Huidobro. Na apresentação do poeta chileno, dava destaque ao teórico do “Creacionismo” e a convivência do autor de *Vientos contrarios* com “poetas, escritores e artistas como Tristan Tzara, Pierre Reverdy, Paul Eluard, Philippe Soupault, André Malraux, Arp, Braque, Chagall, Léger, Miró, Juan Gris e Picasso, tendo mantido também amizade e contato literário com os principais poetas de sua geração (ÁVILA, 1967, p. 1).

Miguel Ángel Asturias, cuja apresentação é realizada em um dos editoriais do Suplemento, aparece enfocado ainda na série “Roda Gigante” com o subtítulo: “Asturias: Invenção e participação.” A tradução do conto “O boi” por Iris Barbosa Mello confirmava o caráter renovador da narrativa do escritor guatemalteco residente em Paris.

O artigo “Rubén Darío e o modernismo hispano-americano” situava o poeta nicaraguense no contexto de busca de autonomia latino-americana. Maria José de Queiroz, ao comentar o livro de Mário Mendes Campos, publicado pela Imprensa Oficial do Minas Gerais, cujo título era o mesmo do já mencionado estudo, divulgava trabalho sobre autor hispano-americano editado em Minas.

Em 1968, Vicente Huidobro é contemplado com dois artigos de José Afrânio Moreira Duarte que, dentre outros aspectos, salienta que “um literato do tamanho vulto e mérito, embora bastante popular na Europa, a ponto de ali ser incluído em antologias poéticas, é muito pouco ou quase nada conhecido dos leitores brasileiros” (DUARTE, 1968, p. 3).

No mesmo ano, Laís Corrêa de Araújo traduz o conto “Todos os fogos o fogo”, primeiro texto de Julio Cortázar, publicado no Suplemento Literário do *Minas Gerais*. A autora de *Cantochão* lamenta o fato de a obra do escritor argentino “tão famosa na Europa” não ter sido traduzida no Brasil. (ARAÚJO, 1968, p. 1) e de ser comentada ou lida somente “após ter inspirado o filme de tanto sucesso, ‘Blow Up’.” (ARAÚJO, 1968, p. 1)

No decorrer da década de 60 a 70, a presença de textos sobre a América Hispânica (poemas, ensaios, traduções, entrevistas, estudos panorâmicos sobre a literatura latino-americana, estudos comparatistas, o desenvolvimento de trabalhos de críticos nacionais sobre a literatura latino-americana e vice-versa) tende, no Suplemento, a ocorrer, de forma mais intensa, acompanhando as tendências literárias e teóricas predominantes no Brasil e em outros países.

Mapeando a crítica hispano-americana no periódico mineiro, podemos observar que há estudo de autores da literatura hispano-americana realizada por críticos brasileiros; crítica hispano-americana sobre a produção hispano-americana e outros artigos realizados por críticos estrangeiros sobre autor latino-americano. Em relação a esse último aspecto, assinalo a colaboração de estudiosos que, nos Estados Unidos, refletiam sobre a literatura latino-americana. Para ilustrar, menciono o estudo de William Myron Davis que escreveu sobre o mito sagrado maia-quitché, com base no romance *El señor Presidente*, de Miguel Angel Asturias.

Panoramas mais gerais sobre a literatura hispano-americana, trabalhos comparatistas entre autores brasileiros e autores hispano-americanos destacam-se nesse quadro geral, além das

resenhas que divulgavam traduções realizadas no Brasil. Roteiros de leituras, de revistas literárias, publicadas no Brasil e no exterior, tinham a função de cartografar a cultura e a literatura hispano-americanas.

Diante do volumoso material, selecionei, para esse estudo, entrevistas, textos panorâmicos sobre a literatura hispano-americana, destacando também as resenhas que permitem refletir sobre a indicação de obras aos leitores do Suplemento, propiciando ao estudioso de hoje reconstituir alguns aspectos do diálogo do Brasil com a América Latina e a recepção crítica tanto a partir de um olhar do Brasil como vice-versa.

As entrevistas oferecem um panorama importante sobre variados assuntos, recuperando o olhar do entrevistador sobre um tema abordado seja ele relativo ao passado ou presente. Constituinte um importante objeto de estudo, além do texto teórico e do literário, oferece ao leitor caminhos para reflexões de várias ordens como aquelas relativas à produção, à recepção de obras e tendências críticas do momento em que a entrevista está sendo gravada, para depois ser registrada em livro ou artigo.

A poeta Laís Corrêa de Araújo tem um papel fundamental no Suplemento. Além da série literária “Roda Gigante” para a qual escreveu entre 1966-1969, como ensaísta publicou outros textos críticos; poemas; fez entrevistas com eminentes escritores como Michel Butor, Tzvetan Todorov, Ana Hatherly e Haroldo de Campos e muitas traduções das quais destaco duas entrevistas que passo a comentar.

“Conversando com Vargas Llosa”, de Carlos Cortínez, com nota explicativa e bibliográfica da tradutora, é uma entrevista decorrente de uma reunião anual, realizada em Nova Iorque, chamada “Modern Language Association”, e da mesa-redonda convocada paralelamente pelo “Center for Interamerican Relations”.

As perguntas, dirigidas ao escritor peruano, eram em torno de seus textos; de seu posicionamento diante dos romances sociológicos; da distinção entre o “nouveau roman” e o “novo romance latino-americano”. As razões do florescimento literário do novo gênero romanesco também constituíam matéria de interesse do entrevistador. Vargas Llosa, mostrando-se favorável ao romance de ação, mantinha-se distanciado do “nouveau roman”. Para ele, a literatura não podia “ser avaliada por comparação com a realidade” (CORTÍNEZ, 1969, p. 2). Quando o escritor escreve, “não está propondo problemas, conflitos de tipo social, histórico, político ou sociológico (CORTÍNEZ, 1969, p. 2). Para ele, o escritor “exorciza certos demônios que tem em si, certas experiências que o marcaram mais profundamente que outras, de que não se pode libertar e que se converteram em demônios” (CORTÍNEZ, 1969, p. 2).

Em relação ao novo romance latino-americano, ressalta que há “na origem de tudo uma rebelião frente à realidade” (LLOSA, 1969, p. 3). No que se refere à aproximação entre as novas tendências na América Latina e o “nouveau roman”, menciona Severo Sarduy cuja obra representa essa afinidade.

No que diz respeito ao florescimento do escritor latino-americano, o autor de *La ciudad y los perros* destaca os seguintes aspectos: a literatura não tem uma importância secundária; aumento do número de editoras; a corrupção na América Latina como “melhor alimento para os romancistas”; libertação do complexo de inferioridade que “o escritor latino-americano sempre tinha para com o europeu” e a libertação do “academismo”, ocorrido em língua espanhola.

Na entrevista de Severo Sarduy, concedida a Efraín Hústado, divulgada na revista *Actual* (publicação venezuelana) e traduzida no Suplemento, o escritor cubano recusa uma perspectiva realista de literatura. Contrário à narração de estórias, diz que a magia está no branco da página, colocando-se na defesa do trabalho com a linguagem. Nesse sentido, salienta a importância da crítica do grupo *Tel Quel* para a produção literária na América Latina. No que se referia à literatura de Cuba, destacava *Paraíso*, da autoria de Lezama Lima que “Como Martí devolveu a língua a seu fundamento, dando a nosso idioma a categoria e a majestade dos clássicos” (HURTADO, 1970, p. 2).

Em “Conversa com Gunther Lorenz”, o famoso entrevistador de Guimarães Rosa revela o interesse dos europeus pela literatura latino-americana. Segundo ele, isso ocorria porque “a Europa está cansada da automação, da desumanização, de ver o homem apenas como uma peça da engrenagem da vida moderna, do meio jogo de palavras dessa literatura de experimento pelo experimento (repúdio, por exemplo, o ‘nouveau roman’)” (ARAÚJO, 1971, p. 4).

A reportagem, realizada por Zilah Corrêa de Araújo, com base nas informações do crítico alemão, esclarecia que até aquele momento (julho de 1971) tinham sido “traduzidas para o alemão 250 obras sul-americanas das quais 60 brasileiras”. Considerando as entrevistas comentadas, vê-se que enquanto Severo Sarduy demonstrava a importância do grupo francês *Tel Quel* para as inovações do romance latino-americano e afinidade literária com o “nouveau roman”, segundo Vargas Llosa; Gunther Lorenz testemunhava o cansaço europeu pela “literatura de experimento por experimento”.

No Suplemento, Michel Butor é um escritor bastante prestigiado. Vem a Minas e é entrevistado por Laís Corrêa de Araújo. O interesse da ensaísta e poeta pelo “nouveau roman” é demonstrado ainda pela resenha do livro *O novo romance francês*, de Leyla Perrone-Moysés e pela tradução de “Chaves para o romance” de Georges Paillard.

Textos de críticos nacionais e estrangeiros focalizavam a literatura latino-americana, em seus aspectos mais gerais: superação do regionalismo (Bella Jozef e Luis Harss); periodização literária, considerando a realidade social (Gustav Silverman) e realismo mágico (Terezinha Alves Pereira).

No artigo “O romance brasileiro e o ibero-americano na atualidade”, a autora de *História da Literatura hispano-americana* destaca diferentes fases da narrativa hispano-americana. A primeira constitui-se como “continuidade passiva da visão dos colonizadores, com algumas tentativas de interpretação da nova terra nos reduzidos núcleos cultos” (JOZEF, 1973, p. 6) e a segunda apresenta “certa resistência às possibilidades aprendidas nas escolas européias” (JOZEF, 1973, p. 6).

O século XIX “inaugurou uma literatura essencialmente polêmica”, havendo uma tomada de consciência com tendências nacionalizantes”. Uma outra fase do romance é inaugurada com o aparecimento de novos recursos técnicos e a aquisição de “significação universal do regionalismo”. Nesse contexto, Bella Jozef se reporta às “técnicas cinematográficas” e à “exclusão do romance psicológico (...)”, postulados do ‘nouveau roman’ (JOZEF, 1973, p. 6). “Em outra passagem do texto, esclarece que: “Os princípios do ‘nouveau roman’ foram mais fielmente seguidos pelo romance espanhol que na Hispano-América” (JOZEF, 1973, p. 6).

Relacionando o romance brasileiro com os demais produzidos na América Hispânica, a ensaísta brasileira elege *Grande Sertão: Veredas*, tendo em vista o fato de os críticos colocarem “no mesmo plano de valor Guimarães Rosa e alguns vultos da Literatura Hispano-Americana” (JOZEF, 1973, p. 7). No que tange à comparação entre o autor de *Grande Sertão: Veredas* e outros escritores latino-americanos, a ensaísta mostra como Rômulo Gallegos e Guimarães Rosa poderiam ser aproximados “pelos procedimentos temáticos estilísticos semelhantes” (JOZEF, 1973, p. 7) e de que maneira Julio Cortázar e Miguel Ángel Asturias podiam ser confrontados pela renovação da linguagem. O aspecto estético seria outro ponto de semelhança entre o autor mineiro e Jorge Luis Borges.

Em “Os nossos”, de Luis Harss, traduzido por Waldimir Diniz, são evidenciadas tendências gerais e específicas que ocorrem na ficção latino-americana do momento. Em relação às primeiras, observem-se: a busca de novos rumos, além das diferenças do regional e do urbano; a superação de que “o autêntico tinha de ser local ou regional” (HARSS, 1970, p. 2); a descoberta da “universalidade de nossa tradição” (HARSS, 1970, p. 2); o “surgimento de uma literatura mais intuitiva, mais dona de si mesma, mais forte em suas entranhas, mais íntegra e voraz” (HARSS, 1970, p. 2); com a superação das “velhas polêmicas” (segundo o autor) em torno da definição dos escritores de “sua posição artística ou política” e a separação entre ativismo político e arte.

O aumento de pólos culturais como o México e Buenos Aires, além de Paris, capital da América Latina, onde “nossos escritores podiam se encontrar, geralmente exilados ou em missões diplomáticas” e a internacionalização das editoras (Fondo de Cultura Econômica do México) e a “Casa de las Américas”, de Cuba, criavam “uma nova solidariedade”.

No que diz respeito ao Brasil, salienta “novas barreiras culturais e lingüísticas que continuavam de pé” (HARSS, 1970, p. p. 2). A exclusão do Brasil no artigo, traduzido no Suplemento, constitui uma prova evidente da ausência do diálogo cultural entre brasileiros e hispano-americanos. O exílio dos brasileiros em outros países da América Latina criará de fato “uma nova solidariedade”, fundamentada em reflexão político-cultural sobre a América Latina, como ocorreu pela profícua interlocução entre Darcy Ribeiro e Ángel Rama no Uruguai e em outras plagas.

Uma das críticas feitas ao livro de Luis Harss pode ser encontrada pelo leitor do suplemento na entrevista (já comentada) de Carlos Cortinez a Mario Vargas Llosa. O escritor peruano diz que não se reconhece no capítulo que o autor argentino escreveu sobre ele pelo método empregado, “resultado de longas entrevistas, que misturou e cortou” e porque Harss “é romancista e não crítico”. O aspecto, aqui ressaltado, não tem como objetivo destacar a crítica em si sobre o livro de Harss, mas evidenciar como é possível estabelecer um diálogo entre a recepção dos autores latino-americanos e seus críticos com base em diversos textos, incluindo as entrevistas.

Gustav Siebenmann, professor convidado pelo Goethe Institut e pela Universidade Federal de Minas Gerais, pronuncia, em Belo Horizonte, uma palestra sobre Filologia Românica e sobre os novos rumos da moderna literatura hispano-americana. No Suplemento, é publicada a tradução de seu artigo, intitulado “Romance hispano-americano como reflexo na situação social” que tinha como objetivo estudar o romance da América Latina pelo relacionamento entre o literário e o social.

O contraste entre civilização e barbárie, considerado por Domingo Faustino Sarmiento (*Vida de Juan Facundo Quiroga*, 1815), é um dos aspectos que norteia o crítico que, ao apresentar o panorama do romance hispano-americano, aborda o período entre os anos 20 e 1960. Para isso, distingue três fases. Na primeira, ocorre o florescimento do romance latino-americano e há o “conflito homem-natureza ou também civilização-barbárie”. *La vorágine* (1924) de José Eustáquio Rivera (Colômbia), *Don Segundo Sombra* de Ricardo Güiraldes (Argentina) e *Doña Bárbara* (1929), de Rômulo Gallegos (Venezuela) exemplificam esse momento.

Na segunda, não “há uma luta épico-heróica com a natureza inimiga” e idéias políticas e crítico-sociais, formuladas por Haya de la Torre, Mariátegui e outros “despertaram a consciência social dos intelectuais e escritores latino-americanos” (SIEBEN-

MANN, 1970, p. 2) e o “herói do romance não é uma” vítima da natureza mas de circunstâncias sociais”. (SIEBENMANN, 1970, p. 2). Sob essa perspectiva são mencionados *Huasipungo* (1934), de Jorge Icaza; *El mundo es ancho y ajeno* (1941), de Ciro Alegria e *El señor presidente*, Prêmio Nobel, de Miguel Angel Asturias, iniciado em 1930 e publicado em 1946.

A terceira fase, que abrange os anos 50 e sessenta, volta-se para a grandeza do sentido trágico da vida e o “romancista deixa de se ocupar com a realidade social no sentido de um realismo de protesto e passa antes a descobrir nela o motivo e simultaneamente a manifestação sempre presente de uma condição humana que já não conhece qualquer esperança certa.” (SIEBENMANN, 1970, p. 2). Para o crítico, Juan Rulfo; Carlos Fuentes; Eduardo Mallea; Alejo Carpentier, José María Arguedas e Augusto Roa Bastos ilustram esse período.

Ernesto Sábato; Julio Cortázar; Mario Vargas Llosa e Gabriel García Márquez, segundo o artigo, eram representativos da nova narrativa hispano-americana. Diante da complexidade desse novo romance latino-americano, havia “uma perda de público considerável”.

A literatura latino-americana, focalizada em fases, excluía mais uma vez a literatura brasileira. Uma das razões alegadas pelo autor do artigo “deve-se ao seu diferente ritmo evolutivo que viria complicar nossa exposição” (SIEBENMANN, 1970, p. 2). Como em outros textos aqui revisitados, a menção ao “nouveau roman” era inevitável. Gustav Siebenmann, considerando a nova narrativa latino-americana, diz que há “processos semelhantes, mas sem a esterilidade e o ar de laboratório do ‘nouveau roman’ francês” (SIEBENMANN, 1970, p. 3) como em *Sobre heroes y tumbas* (1961), de Ernesto Sábato.

Terezinha Alves Pereira, ensaísta e escritora, residia nos Estados Unidos, quando publica, no suplemento, três artigos sobre o realismo mágico na ficção latino-americana. Inicia a série com um comentário sobre a *Antologia del Realismo Mágico*, organizada por Dale Carter Jr. que reunia “oito contos hispano-americanos”. Com base no prólogo da mencionada publicação, Terezinha Alves Pereira evidenciava que a “primeira obra que deu força ao movimento do realismo mágico na América Hispânica foi a *Antologia da Literatura fantástica*, organizada por Jorge Luis Borges, Adolfo Bioy Casares e Silvina Ocampo” (PEREIRA, 1970, p. 11) e que o realismo mágico ocorria além da Argentina, no México e em Cuba.

O prólogo, realizado pelo crítico americano, permite à autora dos artigos, publicados no suplemento, “traçar uma linha mágica entre três escritores portenhos que representam três gerações literárias subseqüentes: Leopoldo Lugones, Jorge Luis Borges e Julio Cortázar” (PEREIRA, 1970, p. 11). Embora esses autores sejam nucleares para sua exposição, estende suas

observações para Alejo Carpentier e Juan Rulfo.

No suplemento, foram resenhados vários livros de literatura latino-americana. *Veneno da madrugada, A propósito de Cândida Erêndira, de sua desalmada avó*, de Gabriel de Garcia Márquez; *Boquinhos pintadas*, de Manuel Puig e, ainda, *62-Modelo para amar, Bestiário, e Cronópios e Famas e Todos os fogos o fogo*, de Julio Cortázar ilustram os textos resenhados, com base nas traduções existentes em português. *Los funerales de Mamá Grande*, de García Márquez; *Conversación en la Catedral*, de Mario Vargas Llosa; *Inventando que sueño*, de José Agustín; *Los Reyes*, de Julio Cortázar; *La jaula*, de Javier Villafañe, *El siglo de las luces*, publicado por Alejo Carpentier e “*Hasta no verte Jesus mio*”, livro de Elena Poniatowska, são alguns dos textos comentados a partir da língua original em que foram escritos.

Em “Um roteiro da América hispânica”, Carlos Roberto Pellegrino, ao salientar o interesse do público pela literatura hispano-americana, se reporta à Coleção *Revista da Cultura*, da Editora Vozes, especialmente, ao sétimo número, organizado pela professora Bella Jozef. A publicação permitia conhecer algumas revistas estrangeiras que divulgam a literatura hispano-americana. Nesse sentido, percorro a cartografia cultural, oferecida pelo colaborador do suplemento.

El Cuento era uma revista de contos, publicada na cidade do México; *Imagem* era editada pelo Instituto Nacional de Cultura e Belas Artes da Venezuela; *Los Libros*, revista argentina, apresentava a “mais completa resenha bibliográfica do mês” e, em “seu número 20 trazia ‘na íntegra’ a resposta polêmica de 61 intelectuais a Fidel Castro, em razão das torturas a escritores cubanos”. Também nessa revista, Julio Cortázar publicou pequeno ensaio “político-literário” e o periódico *Cuadernos hispano-americanos*, editado na Espanha pelo “Instituto de Cultura Hispânica” publicava, “mensalmente, artigos de crítica literária, além de contos e poemas de autores consagrados em todo o mundo” (PELLEGRINO, 1972, p. 11).

Gustavo da Veiga, outro crítico do Suplemento, em “A narrativa na América Latina” tratava do primeiro aniversário da *Nueva Narrativa Hispanoamericana*, revista editada por Helmy Giacomani nos Estados Unidos. A novidade era que o Brasil tinha sido incluído no número comemorativo do primeiro aniversário da revista, graças a Gregory Rabassa que era o “grande responsável pela expansão dos conhecimentos sobre a narrativa brasileira nos Estados Unidos”. Nesse mesmo texto, o colaborador do suplemento inclui o comentário de Gregory Rabassa que realçava o papel do periódico mineiro, como se pode ler na citação:

Entretanto o aparecimento da nova narrativa na América Hispânica despertou o interesse pela comunidade irmã pela primeira vez no Brasil, e a maioria dos autores têm sido traduzidos, lidos e estudados. O Suplemento Literário do *Minas*

Gerais, em particular, publica um grande número de artigos e resenhas, muitas escritas por Carlos Roberto Pellegrino, que em seus próprios contos mostra certa influência de Julio Cortázar (VEIGA, 1972, p. 10).

A respeito da recepção do Suplemento, além das fronteiras de Minas, é importante lembrar o que escreveu Humberto Werneck, por ocasião dos quarenta anos do Suplemento:

Minas, aliás, é preciso que se diga, era onde o semanário de Murilo Rubião fazia menos sucesso. Julio Cortázar lia em Paris o suplemento que em Belo Horizonte era ignorado pela pequenez liliputiana de escribas provincianos (WERNECK, 2006, p. 5)

Ao resenhismo crítico bastante praticado no Suplemento, acrescentem-se os informes sobre o II festival de Teatro Latino-americano, promovido pela Difusão Cultural (Departamento de Teatro da Universidade Autônoma do México),¹ o que confirma o interesse do Suplemento para além da literatura, em conformidade com as orientações do periódico que desde seu início incluía outras artes.

A presença de Cortázar em Minas, comentada por Fábio Lucas,² em artigo de 24 de fevereiro de 1973, é um acontecimento da maior importância, instaurando, no plano real e metafórico, o encontro da América Latina com Minas, o Brasil e o Barroco. A posição do autor de *A mais bela história do mundo* reiterava a posição de muitos dos críticos do Suplemento: o engajamento na luta do Terceiro Mundo, sem abdicar da técnica narrativa na construção do romanesco.

O estudo da América Latina no Suplemento do *Minas Gerais* demonstra como o local buscava se inserir no âmbito das tendências literárias e críticas, predominantes nos anos 60 e 70, nos países hispano-americanos. Pela tradução de diferentes textos (ensaios e entrevistas) e pela divulgação da crítica brasileira sobre a literatura produzida na América Latina, o suplemento propiciou ao leitor brasileiro tomar contato com textos pouco divulgados entre nós, quebrando barreiras lingüísticas e culturais.

Diante dos artigos panorâmicos sobre a literatura hispano-americana, o leitor pode acompanhar a recepção da literatura e da crítica realizadas naquele momento a que já me referi, lançando-se para o estudo de outros suplementos e revistas, responsáveis por outras formas de diálogo e integração latino-americana.

Em um primeiro momento, achei que de nenhuma forma tinha ocorrido uma comunicação entre *Marcha* (semanário uruguaio) com o qual veio trabalhando e o Suplemento Literário do *Minas Gerais*. No entanto, de forma indireta, pude ver que o texto "A literatura ibero-americana na URSS" trazia uma nota importante do seu tradutor, mostrando justamente o inverso.

¹ O escritor e jornalista, autor de *O desatino da rapaziada* lembrou, na edição comemorativa, o momento em que o Suplemento Literário do *Minas Gerais* esteve sob a direção do escritor Murilo Rubião (1966-1968).

² Para maior esclarecimento sobre a vinda de Cortázar a Minas, Cf. LUCAS, Fábio. Presença de Cortázar, mencionada na bibliografia.

Joaquim de Montezuma de Carvalho, o tradutor, observa que o poeta mineiro Tomás Antonio Gonzaga tinha sido traduzido em russo em 1826 por Pushkin. Essa informação tinha sido recolhida do artigo de Venedict Vinogradov (Latinoamericanos en la Unión Soviética), publicado no Semanário *Marcha*, n. 1571, 26 nov. 1971, Montevidéu.

Flora Sussekind, ao mostrar de que forma se originou “o perfil do crítico moderno no país”, aborda a trajetória da crítica feita no jornal e as transformações que ocorreram nas décadas de 60 e 70, “anos universitários”.³

Em relação ao comparativismo brasileiro nos anos 80 e 90, Sandra Nitrini afirma:

Na década de 80 tomam impulso cursos de literatura comparada em níveis de graduação e pós-graduação com desdobramentos em trabalhos monográficos e teses de doutorado voltados para as relações entre a literatura brasileira e africana, entre a portuguesa e a africana, entre a literatura canadense, entre a brasileira e hispano-americana, ampliando, portanto, seu objeto de interesse no campo das relações interliterárias e em consonância com o movimento geral dos estudos literários que abrem espaço para as chamadas literaturas não-canônicas. (NITRINI, 1997)

As observações das duas ensaístas subsidiam o que vai ocorrer no periódico mineiro. A partir de 1975, o Suplemento abarca outras vozes acadêmicas além daquelas de especialistas em literatura hispano-americana (Maria José de Queiroz, Bella Jozef e Ilka de Carvalho) que já figuravam no período entre 1966-1973.

Abstract

Interactions between Brazil and Spanish-American countries took place in various ways during the 60s and 70s. The Literary Supplement of the daily newspaper Minas Gerais (first published in 1966) published Spanish-American criticism and literature in an effort to eliminate Brazilian isolation from other Latin American countries. In the face of a vast material extant, this study chooses from interviews and panoramic texts to highlight reviews that give food for reflection on the works recommended to readers of the Supplement. As a result, scholars today can reconstruct aspects of the interaction between Brazil and the rest of Latin America and the critical reception from both the Brazilian and other points of view.

Keywords: *Literary Supplement of Minas Gerais; Latin American interaction; 60s and 70s.*

³ A propósito desse aspecto, veja-se SUSSEKIND, Flora. Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna. In: *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993. p. 13-33.

Referências

- ARAÚJO, Laís Corrêa de. Asturias: invenção e participação. Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 69, dez. 1967. Suplemento Literário, p. 7.
- ARAÚJO, Laís Corrêa de. Entrevista com Michel Butor. Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 37, maio 1967. Suplemento Literário, p. 3.
- ARAÚJO, Zilah Corrêa. Conversa com Gunther Lorenz. Entrevista. Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 253, 3 jul. 1971. Suplemento Literário, p. 4.
- ASTURIAS, Miguel Angel. O boi. Trad. Iris Barbosa Mello. Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 69, 23 dez. 1967. Suplemento Literário, p. 4-5.
- ÁVILA, Affonso. A poesia de Vicente Huidobro. Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 49, 5 ago. 1957. Suplemento Literário, p. 1.
- COELHO, Haydée Ribeiro. O suplemento literário: 1969-1981. Suplemento, Belo Horizonte, Secretaria do Estado da Cultura, n. 1297, p. 6-9, dez. 2006.
- CORTÁZAR, Julio. Todos os fogos o fogo. Trad. e nota de Laís Corrêa de Araújo. Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 111, 1 jul. 1968. Suplemento Literário, p. 1-3.
- CORTINEZ, Carlos. Conversando com Vargas Llosa. Trad. e notas de Laís Corrêa de Araújo. Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 139, 26 abr. 1969. Suplemento Literário, p. 2-3.
- DUARTE, José Afrânio Moreira. Acerca de Vicente Huidobro I. Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 109, 28 set. 1968. Suplemento Literário, p. 3.
- FESTIVAL de teatro na cidade do México. Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 291, 25 mar. 1972. Suplemento Literário, p. 11.
- HARSS, Luis. Os nossos (fragmento). Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 217, out. 1970. Suplemento Literário, p. 2-3.
- HOHLFELDT, Antonio. Jornalismo cultural: uma perspectiva. Continente Sul Sur: Revista do Instituto Estadual do Livro, Porto Alegre, n. 2, p. 57-63, nov. 1966.
- HURTADO, Efrain. Entrevista com Severo Sarduy. Trad. Laís Corrêa de Araújo. Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 190, abr. 1970. Suplemento Literário, p. 2.
- JOZEF, Bella. O romance brasileiro e o ibero-americano na atualidade. Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 377, 17 nov. 1973. Suplemento Literário, p. 6-7.
- LISBOA, Henriqueta. Alfonso Reyes, ensaísta e poeta. Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 22, 28 jan. 1967. Suplemento Literário, p. 4.

- LUCAS, Fábio. Presença de Cortázar. Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 339, 24 fev. 1973. Suplemento Literário, p. 2-3.
- MYRON DAVIS, William. Mito sagrado maia-quitché num romance de Asturias. Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 175, jan. 1970. Suplemento Literário, p. 9-11.
- NITRINI, Sandra. Literatura Comparada: história, teoria e crítica : São Paulo EDUSP,1997.
- PEREIRA, Terezinha Alves. A ficção latino-americana e o realismo mágico - I. Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 257, 31 jul. 1971. Suplemento Literário, p. 11.
- PEREIRA, Terezinha Alves. A ficção latino-americana e o realismo mágico - II. Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 258, 7 ago. 1971. Suplemento Literário, p. 4.
- PEREIRA, Terezinha Alves. A ficção latino-americana e o realismo mágico - III. Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 254, 14 ago. 1971. Suplemento Literário, p. 10.
- QUEIROZ, Maria José de. Rubén Dario e o modernismo hispano-americano. Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 101, 3 ago. 1968. Suplemento Literário.
- RAILLARD, Georges. Chaves para o 'romance novo'? Trad. Laís Corrêa de Araújo. Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 48, 29 jul. 1967. Suplemento Literário, p. 2.
- SARAIVA, Paulo. Ambição e angústia de um adolescente. Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 13, 26 nov. 1966. Suplemento Literário, p. 4.
- SIEBENMAN, Gustav. Romance hispano-americano como reflexo na situação social. Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 184, mar. 1970. Suplemento Literário, p. 6-7.
- SUSSEKIND, Flora. Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna. In: Papéis avulsos. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993. p. 13-33.
- TROUCHE, André. Boom e Pós-Boom. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). Conceitos de literatura e cultura. Juiz de Fora: UFJF, 2005. p. 82-102.
- VEIGA, Gustavo da. A narrativa na América Latina. Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 294, 15 abr. 1972. Suplemento Literário, p. 10.
- WERNECK, Humberto. Meu suplemento inesquecível. Suplemento, Belo Horizonte, Secretaria do Estado da Cultura, n. 1297, p. 3-5, dez. 2006.